

MULTILETRAMENTOS NO CONTEXTO DE METODOLOGIA VISUAL PARA DISCENTES SURD@S

Luciane Grazielle Bergue Albino-UEG¹
Marlene Barbosa de Freitas Reis-UEG²

RESUMO

O artigo é fruto de revisão de literatura realizada em nossa pesquisa sobre inclusão do aluno surdo. Discute a questão das práticas pedagógicas desses discentes pelo viés dos Multiletramentos idealizados pelo Grupo de Nova Londres (1996). A metodologia se baseia na abordagem qualitativa e utiliza procedimentos bibliográficos para compor o arcabouço teórico. O objetivo é proporcionar a compreensão, de caráter exploratório, sobre os Multiletramentos como metodologia na educação dos surdos, intencionando responder à seguinte problemática: como os Multiletramentos podem ser usados como metodologia visual no processo de ensino- aprendizagem para os alunos surdos? Assim, para compor a reflexão teórica, este trabalho se pauta na especificidade gramatical da Língua Brasileira de Sinais- Libras a partir da autora Brito (1995). Analisa sobre a importância da aquisição da Libras e sua relevância para o desenvolvimento da criticidade nas falas das autoras surdas Stumpf (2005;2020), Strobel (2008) e Perlin (2003). Faz-se um resgate dos fundamentos dos estudos sobre Multiletramentos idealizados pelo Grupo de Nova Londres, a partir da autora Rojo (2009-2013). Neste esforço, discute-se ainda como metodologias visuais, a partir de texto que explora várias semioses e podem contribuir para a constituição do sujeito surdo. Finalmente, pondera sobre as possibilidades e os desafios na educação dos surdos, utilizando os Multiletramentos na perspectiva de metodologias visuais através dos textos multimodais como proposta pedagógica.

Palavras-chave: Surd@s, Libras, Textos multimodais.

INTRODUÇÃO

A Língua de Sinais está no Brasil desde 1857, com a fundação do Instituto Imperial de Surdos- mudos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES, porém ainda percebemos que ocorrem lacunas no ensino para surdos porque há necessidade de um planejamento pautado nas especificidades linguísticas para assim, oportunizar a aprendizagem

¹Discente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia pela Universidade Estadual de Goiás PPGIELT/UEG, Unidade Universitária de Anápolis - Ciências Socioeconômicas e Humanas-UNUCSEH. Bolsista Capes. Pesquisadora sobre a Inclusão de Surdos no contexto educacional. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão. - [GEPEDI/UEG lubergue@outlook.com](mailto:lubergue@outlook.com)

²Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil (2013). Professora efetiva da Universidade Estadual de [Goiás-UEG](http://www.ueg.br). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em [Educação, Diversidade e Inclusão – GEPEDI/UEG](http://www.ueg.br) . marlene.reis@ueg.br

com significância. Isso, por meio de um processo dialógico e de recursos materiais diversificados para atender as necessidades linguísticas dessas pessoas (INES, 2008).

A Libras ocorre na modalidade visuoespacial, permitindo a expressão de uma ampla gama de conceitos, ou seja, conforme Brito (1995, p. 02) descreveu, é capaz de transmitir significados “[...] descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato, enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.”

Brito (1995) observa que a Libras apresenta todos os níveis presentes nas línguas orais, o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico, diferenciando-se apenas pelo canal de comunicação utilizado. Enquanto nas línguas orais, a comunicação ocorre no campo oral-auditivo, na Libras ele acontece no campo visual-espacial. Portanto, na Língua Portuguesa utilizamos o termo "palavras" ou "lexical", na Libras utilizamos "sinais".

No nível fonológico da Libras temos cinco parâmetros: a Configuração de Mãos (CM), que se refere à forma da mão e pode coincidir com o alfabeto manual; o Ponto de Articulação (PA), que indica onde o sinal será executado, seja no corpo ou no espaço; o Movimento (M), o qual pode variar em tipos como espiral, circular, retilíneo, ou até mesmo ser estático; a Orientação (O), que determina a direção da palma da mão (esquerda, direita, para cima ou para baixo); e a Expressão Facial e Corporal (EFC), marcadores não manuais, que são fundamentais para atribuir significado ao sinal (Brito, 1995).

Figura 01: sinal de certeza



Fonte: Imagem adaptada, Gesser, 2009

Diante das especificidades da Libras, autores se preocuparam em pesquisar questões relacionadas ao processo de aprendizagem dos alunos surdos interrelacionados com a cultura, entre eles podemos citar Quadros e Karnopp (2007), Fernandes (2005), Lacerda (2007) e Brito (2005), pesquisadores da Libras tanto em processos educacionais quanto na perspectiva da aquisição da língua. Esses autores foram importantes na disseminação da Libras e para a discussão sobre a inclusão e contribuíram para a organização de políticas públicas.

As políticas públicas impulsionaram a inserção dos alunos surdos em sala de aula. O Decreto 5626/2005 expõe:

Art.21. [...] viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.

II - Nas salas de aula para viabilizar o acesso dos alunos aos conhecimentos e conteúdos curriculares, em todas as atividades didático-pedagógicas; e

III - no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim da instituição de ensino.

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos [...] equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação (Brasil, 2005)

A Constituição Federal de 1988, no seu artigo 5º, estabeleceu que todas as pessoas são iguais perante a lei. A Lei 10.436/2002 legaliza a Libras, a língua de comunicação e expressão dos surdos, tendo o canal de comunicação realizado no campo visual- espacial. E, a Lei nº 13.146/2015 estabelece que a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) tem o objetivo de possibilitar a igualdade de direito e visibilizar a inclusão (Brasil, 1998; 2002 e 2015).

No entanto, mesmo com essas políticas, o aluno surdo ainda está longe da inclusão, visto que no ambiente educacional, as metodologias ainda estão voltadas para o ensino de ouvintes. As aulas não contemplam as práticas visuais, pois o planejamento está apoiado em textos escritos e a fala oralizada.

Diante disso, este artigo convida o leitor repensar as suas práticas pedagógicas e compreender a importância de se utilizar metodologia multimodal, uma vez que ela oportuniza igualdade de aprendizagem para todos, permitindo que todos os sujeitos, surdos e ouvintes, entrem em contato com práticas que desenvolvam o intelecto, o pensamento e a criticidade, sendo o discente o agente e o colaborador no seu processo de ensino-aprendizagem (Rojó, 2013).

METODOLOGIA

Este artigo resulta de uma pesquisa de procedimentos bibliográficos, fundamentada na abordagem qualitativa com objetivos exploratórios. Concentra-se em destacar as interpretações, na dinâmica social, dos indivíduos dentro do contexto educacional, mais especificamente, nas relações entre professores e alunos surdos (Denzin e Lincoln, 2006).

Segundo Gil (2002), essa abordagem tem como propósito promover uma compreensão mais profunda do problema em questão e formular hipóteses. Logo, este estudo procura evidenciar estratégias pedagógicas de multiletramentos visuais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Mariane Stumpf (2005, 2020), surda, Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em vários estudos, enfatiza a importância da aquisição da Libras, desde a infância, para o desenvolvimento da linguagem de forma crítica. Ela acredita que, apesar de avanços, ainda faltam estudos mais aprofundados sobre a aquisição da Libras para crianças surdas. Em seu livro multimodal, organizado com outros autores e equipe técnica, a autora sinaliza a variedade de repertórios linguísticos visuais que podem promover a aprendizagem para surdos. E, também a escrita de Sinais Signwriting³, desenvolvida por Valarie Sutton, em 1974, contribuiu de forma significativa para o aprendizado dos surdos, posto que evidencia a marcação das configurações das mãos, dos movimentos, do ponto de articulação e das expressões corporais da Língua de Sinais e desenvolve as funções psicológicas superiores desses alunos, os quais sejam, memória, consciência, percepção, atenção, Sinais, pensamento, vontade, formação de conceitos e emoção (Vygotsky, 2008).

Strobel (2008, p.26), surda, Doutora na área de Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC afirma que: "A cultura surda exprime valores, crenças que, muitas vezes, se originaram e foram transmitidas pelos sujeitos surdos de gerações passadas ou de seus líderes bem sucedidos, através das associações de surdos". Em seus estudos, a autora ressalta que a representatividade surda é marcada pelo seu corpo e pela sua Língua, os quais tiram essas pessoas do Silêncio, não de sons, mas do silêncio do isolamento social, que as torna deficientes na linguagem. Tal situação é contornada com o acesso a sua Língua, a Libras, e realizando, de fato, as capacidades intelectuais e ser inserido na cultura.

³ Escrita de Sinais Signwriting. Disponível em: <https://www.signwriting.org/>

A cultura e o convívio social, propiciaram aos surdos estar em relação direta com a linguagem, desenvolvendo o pensamento. Assim, o que foi assimilado no mundo é interiorizado através de representações imagéticas (Sacks, 2010). Segundo Vygotsky (2008) e Freire (1997) somos ideológicos, sendo constituídos pelas nossas vivências, nesse movimento incessante da linguagem que constitui a nossa psiquê.

Perlin (2003), surda, Doutora na área de Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRG pesquisou a identidade surda, e nela é possível notar que a diferença não é um incômodo, mas a consolidação da identidade surda. Usam a Libras não só para a comunicação, mas também para a legitimação de um povo minorizado, compreendendo as relações sociais pela visão.

Se nos consideramos surdos não significa que temos uma paranoia. Significa que estamos sendo o outro com nossa alteridade. Somos o Surdo, o povo unânime reunido na auto presença da língua de sinais, da linguagem que evoca uma diferença de outros povos, da cultura visual, do jeito de ser. Somos alteridades provadas pela experiência, alteridades outras. Somos Surdos (Perlin, p.90, 2003).

Analisando as falas dessas pesquisadoras surdas, infere-se a importância da Libras para a evolução da sua capacidade linguística, o que assegura equidade de acesso às diversas esferas sociais, uma vez que de fato, incluirá os surdos. A Libras é uma língua expressiva e a comunicação ocorre através do corpo, dos movimentos das mãos, dos braços e do relance de olhos. Os surdos ficam desinibidos para combinar ideias, favorecendo o desenvolvimento do conhecimento.

Não se pode afastar os surdos da Libras em detrimento a uma política colonizadora, que considera a Língua Portuguesa a língua oficial do Brasil; essa situação gera o estranhamento por parte da população em considerar a Libras como língua porque, apesar de ser legalizada pela Lei 10436/2002, ela ainda está ausente no cotidiano das pessoas. Não há placas de rua, lojas, outdoor e documentos oficiais em Libras. Isso ocorre porque a lei reconhece a Libras como a Língua dos surdos, mas não como língua oficial do Brasil, tal qual a Língua Portuguesa. Sendo assim, os documentos legais são redigidos apenas na língua oficial. Ademais, o artigo 4º, dispõe, em seu parágrafo único, que a Libras não substituirá a Língua Portuguesa na modalidade escrita. E, isso é usado como umas das argumentações políticas para não ofertar na escola e nem nos documentos oficiais (Brasil, 2002).

Diante do exposto, a Comunidade Surda continua a lutar, para intervir nas políticas de apagamento das culturas minorizadas, reivindicando a presença da Libras nas escolas, e , assim,

conquistar os seus espaços de maneira justa, desde as práticas espontâneas diárias até as pautas oficiais como a educação, a saúde e o lazer.

Nesse horizonte, é primordial entender que essa discussão precisa ocorrer nas escolas, visto que a educação é responsável pelo desenvolvimento humano e o caminho mais eficaz para corrigir tanta violência. Ao receber os discentes surdos, a escola precisa estar flexível a organização de metodologias que atendam as especificidades linguísticas dessas pessoas.

Essa ideia de que a língua oral e a escrita são as únicas a desenvolverem a cognição provocou inquietações em diversos estudiosos, entre eles, aqueles do grupo de Nova Londres-GNL. Eles discutiram sobre o Manifesto intitulado “*A Pedagogy of Multiliteracies: designing social futures*” (New London Group, 1996). Assim surgiu o conceito multiletramento, por meio do prefixo “multi”ramificado para duas perspectivas:

[...]A “multiplicidade de linguagens”, semioses e mídias envolvidas para a criação de significação para os textos multimodais contemporâneos com o objetivo de que esses textos multimodais e a “pluralidade e a diversidade cultural”trazidas para que tragam(grifos meus) essa criação de significados.[...] Uma educação apropriada para todos no contexto de fatores de diversidade local e conectividade global cada vez mais críticos (Rojo, 2013 p.14).

A educação linguística deve estar associada ao pluralismo cultural, cuidando para que as pessoas que não falam a Língua Nacional, por exemplo, façam parte dos planejamentos educacionais. Incluir, nos currículos, as diferentes culturas existentes principalmente, aquelas que estão aos redores da comunidade escolar.

Tal situação evidencia o repensar a educação em dois aspectos principais, o currículo e o texto, considerando a diversidade de escrita, inclusive imagens. O currículo direcionado às culturas locais precisa ser mais dinâmico, e que todos sejam envolvidos na proposta pedagógica da instituição. São inúmeras possibilidades que podem fazer parte do planejamento de ensino. Desde o currículo mais pontual que intervenha nas estratégias de aprendizagem do aluno, ao mais flexível que permita aberturas para discussões de assuntos variados tal como a visibilidade da Libras no espaço escolar. Assim, a comunidade surda terá abertura para discussões acerca de mediações pedagógicas para alunos surdos e os ouvintes compreenderem-nas em suas potencialidades.

Essas proposições nos levam a refletir sobre as metodologias visuais, pois esses indivíduos compreendem o mundo através da visão, ou seja, a mediação pedagógica necessita ocorrer no campo espacial. Além disso, o espaço de ensino deve envolver a multiplicidade de linguagens para que o aluno internalize, em seus pensamentos, novos conteúdos com significação e em uma relação direta com o letramento crítico e social (Rojo e Barbosa, 2019).

O letramento crítico, por meio de texto de imagem, pode acontecer com a mediação do professor, através de perguntas que estimulem o discente a fazer inferências, perceber relações, estabelecer sequências, prever, verificar pressupostos avaliar as informações, selecionar as informações relevantes, identificar premissas, extrair conclusões e reconhecer “fake news”⁴ (Rojo, 2009).

Anteriormente, a linguagem estava associada a um sistema fixo, previsível e baseado em regras gramaticais com estreita ligação com a linguagem oral e escrita. Isso limitava a ramificação de mediação pedagógica para a ampliação de repertórios linguísticos, uma vez que inibia a busca por novas experiências. Atualmente, as discussões sobre multiletramentos desestruturaram as ideias anteriores, posto que abrangem diferentes modos de representação, de construção de significado e criam fissuras na rigidez do sistema linguístico colonial. Nessa perspectiva, Rojo (2019) ressalta que o “texto” passa a ser multimodal ou multissemiótico, um estudo de misturas de linguagens em um único discurso.

Reily (2003) indaga a importância do Letramento Visual perpassando fronteiras culturais através das imagens que se encontram no texto. Nesse sentido, elas precisam ser valorizadas com a mesma intensidade da escrita. Não obstante, percebe-se que as imagens muitas vezes passam despercebidas pelos professores, talvez porque ainda não se desprenderam das amarras colonialistas da escrita como a única maneira de transmitir informações.

De nada adianta para os surdos, um texto de palavras, pois são imagens no papel, sem representação visual. São letras que não trazem significados na sua vida e não incentivam a sua criatividade. É por essa razão que o planejamento para o aluno surdo deverá ocorrer na presença de textos multimodais, ou seja, pode haver as palavras, mas também precisa haver as diversas semioses, Libras e experiência de mundo, favorecendo o aprendizado real.

Nesse sentido, o multiletramento provoca rachaduras nos discursos tradicionais de que o ensino para os surdos pode ser o mesmo para os ouvintes. Um texto multimodal pode atingir a todos, desde que seja planejado com metodologia e com objetivos definidos para o desenvolvimento da criatividade e da criticidade dos alunos.

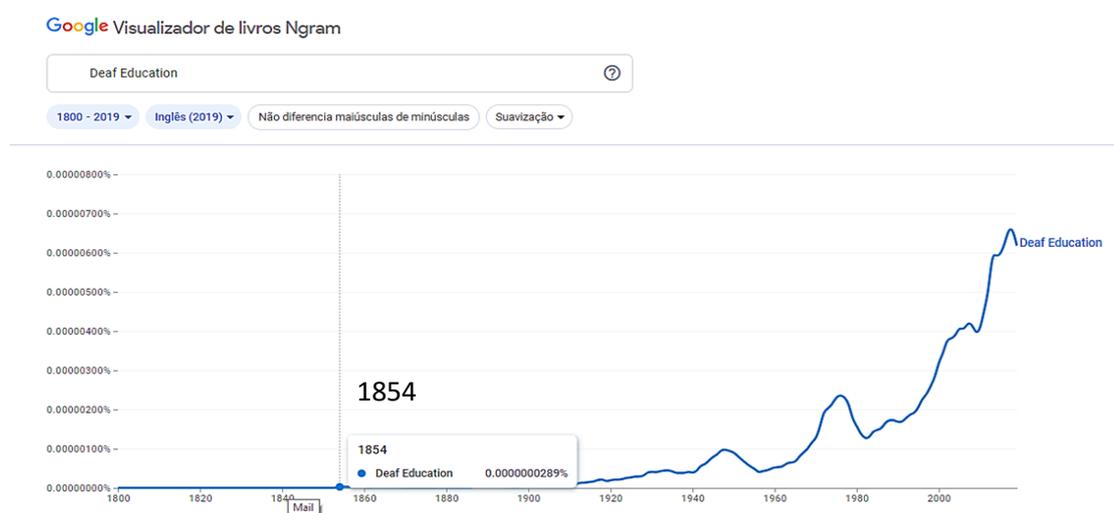
⁴ Notícias falsas (sendo também muito comum o uso do termo em inglês: fake news) são uma forma de imprensa marrom que consiste na distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio, ou ainda online, como nas mídias sociais. As mídias sociais ou redes sociais são tecnologias e plataformas que permitem a criação e o compartilhamento de informação e conteúdo em formatos passíveis de transmissão por canais digitais. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Not%C3%ADcia_falsa . Último acesso em 17/01/2024

O planejamento multimodal facilita o aprendizado dos discentes. Os infográficos, os vídeos, softwares dinamizam as aulas, tornando-as criativas e acessíveis. O livro, o papel, a caneta e o quadro deixam de ser os protagonistas das aulas e a diversidade de recursos semióticos passam a fazer parte das aulas (Rojo, 2013).

RESULTADO E DISCUSSÃO

Para demonstrar um breve recorte histórico das discussões da educação dos surdos, utilizamos o Google (2023) (Google Ngram), no qual o gráfico (Figura 2) expõe uma curva relacionada aos anos em que pesquisas, livros e artigos estiveram em evidência. Essa ferramenta é muito importante porque analisa as palavras por meio de Livros digitalizados.

Figura 2: Pesquisa sobre Educação de Surdos



Fonte: Fonte: Google Ngram Viewer, 2024.

Os estudos sobre surdez iniciaram-se no século XIX, corroborando com o período que Dom Pedro II recebeu uma carta, em 1855, de Eduard Harnest Huet, professor surdo francês, oriundo do Instituto de Surdos de Paris. Na carta, foi apresentado ao imperador um relatório, cuja intenção era fundar uma escola de surdos no Brasil. Isso culminou na Lei de 939, de 26 de setembro de 1857, a qual marca a fundação do Instituto Imperial dos Surdos-Mudos do Brasil (atualmente Instituto Nacional de Educação dos Surdos - INES), e o dia nacional do surdo (INES, 2008).

No entanto, acreditamos que a inclusão dos discentes surdos ainda representa um campo desafiador e complexo. Esta problemática requer mais pesquisas para um estudo epistemológico das necessidades educacionais desses estudantes, assegurando não apenas a matrícula, mas também uma escolarização centrada na inclusão e na igualdade de direitos.

Nesse sentido, faz-se necessário uma mediação pedagógica que compreenda a relação de aprendizado do aluno com o professor criará essas situações entre o aluno e o objeto de conhecimento. Nesse contexto, o professor que em sua sala tem aluno surdo, deve criar movimentos linguísticos visuais para a assimilação dos conteúdos, através do canal de aprendizagem desses indivíduos no campo visual e espacial.

Pesquisadores como Rojo (2009) e o Grupo de Nova Londres (1996) propõem práticas dinâmicas em sala de aula e metodologias que não se restringem a uma ação descontextualizada que não incentiva o desenvolvimento da criatividade e da criticidade do aluno. Assim sendo, a prática de multiletramento será relevante, se contextualizada ao social, criando discussões sociais de diversificação étnicas, regionais e culturais, tornando mais visível à população marginalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade de repertórios linguísticos contribuiu para impulsionar as discussões sobre as metodologias pedagógicas pautadas por vários recursos semióticos. Sendo assim, há um novo olhar para os textos escritos porque as imagens também são importantes para a mediação do conhecimento e não podem ser consideradas como um acessório ou um complemento, pois são conteúdos que serão transformadas em conhecimento.

No entanto, as práticas metodológicas em sala de aula ainda apresentam resistências às mudanças, o texto escrito permanece como a principal material para a construção de sentidos, não que ele não deva estar presente, mas poderia ser utilizado como um suporte de análise em conjunto com outros recursos multissemióticos.

Esse artigo buscou mostrar que a educação precisa estar centrada no aluno e não no que o professor quer ensinar, as necessidades culturais precisam ser contempladas nos planejamentos e proporcionar uma educação significativa para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: D.O. 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27 mai. 2023.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a **Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Diário Oficial da União. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 21 de junho de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto** Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br> acesso em 21 de junho de 2023.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em : 04 de julho de 2023

BRITO, L. F. **Por uma gramática da língua de sinais** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-4.

FERNANDES, Eulália. (Org.) **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-56.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **O INES e a Educação de Surdos no Brasil**. Vol. 01, 2ª edição, dez/2008. Rio de Janeiro: INES/ 2008.

LACERDA, C. B. F. O que dizem/sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo. **Rev. Bras. Ed. Esp**, Marília, v.13, n.2, p.257-280, 2007.

NEW LONDON GROUP. A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. In: COPE, B.; KALANTZIS, M.(orgs.). **Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures**. Londres/ Nova York: Routledge, 2006[2000/1996]

PERLIN, Gladis. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. UFRGS. Porto Alegre: 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5880/000521539.pdf>. Acesso em: 26 de jun. de 2023

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais Brasileira– estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2007

REILY, Lúcia H. A imagens: O lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. IN: _ SILVA, Ivani Rodrigues. KAUCHAKJE, Samira. GESUELI, Zilda Maria. **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. São Paulo: Plexus. Editora, 2003

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo. Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane. TANZI, Adolfo Neto. **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo. Parábola editorial. 2013

ROJO, Roxane. **Entrevista** sobre Multiletramentos. 23 de maio de 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iDu6TvO4svU>. Acesso em: 02 de jun. de 2023

ROJO, Roxane. BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo. Editora Parábola. 2019

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

SKLIAR, Carlos. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

STUMPF, Marianne Rossi. QUADROS, Ronice Müller de. KUNTZE, Marlo. LILLO-MARTIN, Diane. CHEN-PICHLER Deborah. Aquisição Língua de Sinais. Petrópolis, Rio de Janeiro. Revista Arara Azul. 2020. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/detalhes/114>. Acesso em: 09 de jun. de 2023

STUMPF, Marianne Rossi. Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema Sign Writing: Línguas de Sinais no papel e no computador. Porto Alegre. UFRGS, CINTED, PGUE, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5429/000515254.pdf?sequence=1> . Acesso em: 05 de julho de 2023.

SUTTON, VALERIE. **Um sistema global de escrita para uma era global**. La Jolla, Califórnia. 5 de janeiro de 2000. Disponível em: <https://www.valeriesutton.org/lifestory/autobiography/>. Acesso em: 29 de jun. de 2023.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamentos e linguagem**: tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo. Editora Martins. 2008.